
Jornalismo Brasileiro: Seus Aspectos Teóricos e Suas Práticas Condicionados Pelas Tecnologias em um Fluxo Histórico¹

Gabriel Arouca LEÃO²

Marina Chioca ANATER³

Myrian Regina Del Vecchio de Lima⁴

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

A pesquisa apresentada neste artigo busca traçar um perfil dos egressos do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR) entre os anos de 2011 e 2020. Com base na análise de resultados de uma survey online, busca-se, ao final da pesquisa, propor mudanças necessárias para atender o mercado de trabalho na área, que passou a incorporar inúmeras mudanças tecnológicas e sociais dos últimos anos, uma vez que o Jornalismo é uma profissão em constante evolução e adaptação. A graduação em Jornalismo da UFPR completou 60 anos em 2024, e o currículo do curso foi atualizado pela última vez em 2017. A pesquisa delimita o perfil dos egressos em características sociais e demográficas e deriva em uma avaliação dos maiores desafios da graduação.

Palavras-chave

Jornalismo profissional; Curso de Jornalismo; Egressos; UFPR; Tecnologias digitais no jornalismo.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados prévios de uma pesquisa que procura entender a realidade dos graduados do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR – com base em uma pesquisa aplicada aos egressos de 2011 a 2020. No entanto, antes de abordar os aspectos da pesquisa, é necessária uma introdução breve ao histórico do curso.

O curso de Jornalismo da UFPR, em Curitiba (PR), completou 60 anos de existência em 2024. O curso que, inicialmente, fazia parte do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, teve aulas no *campus* Reitoria em abril de 1964, alguns dias após o início da Ditadura Militar no Brasil. Com mais de meio século de longevidade, a

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: garoucaleo.gl@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: marinachiocaanater@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: myriandel@gmail.com

graduação presenciou diversas mudanças nas estruturas sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, que mudaram a forma como se faz jornalismo, e por consequência a forma como ele é ensinado e aprendido.

Ao longo de suas idas e vindas entre diferentes *campi* da universidade – originalmente no *campus* Reitoria, em seguida no *campus* Santos Andrade e, por fim, no *campus* Juvevê – o curso de Jornalismo passou por mudanças curriculares no ensino, com o objetivo de manter a graduação adaptada à realidade da profissão no contexto contemporâneo a ela. Entre 2000 e 2016 era vigente na UFPR o curso de Comunicação Social, pautado na flexibilização curricular com a redução de disciplinas obrigatórias e aumento das optativas, permitindo que o estudante pudesse escolher as disciplinas que comporiam a sua graduação como comunicador social habilitado em Jornalismo, Publicidade e Propaganda ou Relações Públicas.

A partir de 2017, deu-se início ao atual currículo, que extinguiu o curso de Comunicação Social e permitiu a autonomia das antigas habilitações, criando então três diferentes graduações no Departamento de Comunicação da UFPR. Considerando a história do curso de Jornalismo, definiu-se o espaço temporal de 2011 a 2020 para a análise pois, dessa forma, é possível traçar um panorama dos profissionais que se graduaram em Jornalismo ou em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo: verificar se ingressaram e permanecem na carreira jornalística; as dificuldades do ambiente profissional; e entender como se deu a transição entre o currículo vigente e o anterior. Além disso, através das informações coletadas de seus respondentes, foi possível analisar o desenvolvimento da profissão jornalística nos últimos dez anos, principalmente localmente.

METODOLOGIA

A pesquisa foi dividida em duas etapas. A primeira é relativa à aplicação de um levantamento do tipo *survey*, disparado para egressos do curso de Jornalismo da UFPR, que estão enquadrados na escala temporal definida e posterior análise quantitativa dos dados obtidos. Já a segunda etapa, que está em andamento, visa a realização de três grupos focais como forma de aprofundar o debate e a compreensão do que foi tratado pelo questionário aplicado. A definição dos grupos focais seguiu a seguinte estrutura: um com indivíduos que seguiram carreira acadêmica após a graduação; o segundo com

peças que entraram diretamente para o mercado de trabalho no jornalismo, com essa como principal ocupação desde então; e um terceiro grupo com egressos que durante o período como universitários, participaram efetivamente de atividades formativas, como Iniciação Científica, Projetos de Extensão e Monitorias. O formulário aplicado na primeira etapa da pesquisa de Iniciação Científica foi feito via *Google Forms*, e enviado através do email dos egressos. Desta maneira, sua submissão para avaliação ao comitê de ética foi escusada. Já na segunda fase, a aplicação dos grupos focais requereu tal aprovação com o comitê.

As questões do *survey* aplicado permitiram o delineamento de um perfil para o egresso de jornalismo na UFPR, trazendo indicativos de gênero, idade, cor e renda média familiar, além de questões profissionais, como continuidade nos estudos (especializações, mestrados e doutorados, por exemplo; formas de contratação; satisfação/insatisfação com o trabalho e horas trabalhadas diariamente, entre várias outras. O questionário também leva à uma avaliação do curso de Jornalismo por meio de indagações sobre experiências universitárias em atividades formativas, como projetos Iniciação Científica e de Extensão, Programa de Voluntariado Acadêmico e Monitorias, intercâmbio acadêmico, entre outros.

O *survey* foi enviado para 200 egressos, e obteve 90 respostas, configurando 45% do escopo total. Com os dados das respostas, foram desenvolvidos gráficos e iniciou-se a análise do perfil. Paralelamente, foi criada uma planilha dinâmica para a classificação e o estudo dos dados, ferramenta útil para a compreensão e a análise de informações, o que também auxiliou na delimitação dos possíveis recortes para a próxima fase do projeto de pesquisa, com a aplicação de grupos focais.

Na segunda etapa da Iniciação Científica, que está em andamento em 2024, foi realizada a leitura da obra *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*, de Bernadete Angelina Gatti, que auxiliou na definição dos três grupos focais já citados que ainda serão aplicados, na criação dos roteiros para cada grupo e na preparação para a sua aplicação de forma conforme os critérios de pesquisas científicas. Com a definição do perfil de quem fará parte de cada grupo focal, foi possível designar os egressos que serão convidados a participar. A seleção se deu entre aqueles que anunciaram o interesse em continuar nesta segunda fase de pesquisa ainda durante a resposta do *survey*.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante a primeira etapa da pesquisa, foram realizadas diversas leituras bibliográficas, para análise e discussão em grupo da bibliografia a respeito do Jornalismo e sua cultura profissional no Brasil, formando nos participantes da pesquisa uma bagagem teórica que embasou todas as ações realizadas, desde contato com os objetos da pesquisa até a produção de textos acadêmicos e apresentação dos resultados.

Observando o jornalismo e sua atuação no Brasil atual, percebe-se como o advento da era digital trouxe mudanças profundas para a forma de fazer jornalismo. Fábio Henrique Pereira e Zélia Leal Adghirni (2011) expõem no estudo *O jornalismo em tempo de mudanças estruturais*, como a disseminação de tecnologias causou um intenso redesenho das estruturas mercadológicas brasileiras. Tais alterações foram altamente condicionantes da reconstrução do jornalismo em torno das mídias digitais e da divulgação massiva de informação pela internet por meio de diferentes plataformas.

Com esse deslocamento da prática jornalística para os meios digitais e as mudanças trazidas pelas tecnologias em outras áreas da profissão, as redações foram reduzidas exponencialmente, transformando ambientes enormes e repletos de jornalistas em pequenas salas com poucos profissionais. A situação se refletiu profundamente na vida profissional dos jornalistas que se mantiveram atuantes na área, que observaram o enfraquecimento da categoria. Isso é visível por meio de situações, como por exemplo, o acúmulo de funções e o excesso de trabalho dos jornalistas, bem como a ocorrência constante de profissionais sem estabilidade devido ao fato de serem forçados a atuar como *freelancers* e sem o convívio com familiares e amigos (Bertolini, 2017).

Como forma de aprofundar a reflexão a respeito do processo de profissionalização na área jornalística, da precarização do mercado de trabalho e do impacto da tecnologia na prática jornalística, o artigo *O Jornalista: Do Mito ao Mercado (2005)*, escrito por Zélia Leal Adghirni, foi lido e debatido em grupo. Entre umas das conclusões de Adghirni, que posteriormente foram observadas na pesquisa conduzida pelo presente estudo, pode-se destacar que, ao contrário da forma como são retratados pela indústria cultural, tais mudanças provenientes da digitalização do jornalismo afetaram também o consumo de informação jornalística pela sociedade, desde a diminuição de leitores, pelo decréscimo da cultura de consumo relacionada à mídia convencional, o deslocamento da publicidade para o meio digital e até a perda de

credibilidade nos profissionais e jornais. Assim, parte importante do que formava a identidade do jornalista deteriora-se, como esclarece Adghirni, “a realidade do século XXI é outra. Nem herói nem vilão, os jornalistas, como os guerrilheiros, estão apenas cansados” (Adghirni, 2005).

Entre as bibliografias que embasam esse estudo de Iniciação Científica, está também a versão de 2022 da pesquisa conduzida por Samuel Lima e Jacques Mick, intitulada *Perfil do Jornalista Brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho*, que traça, por meio de um longo questionário, a situação da vida profissional e pessoal daqueles que vivem a profissão de jornalista no Brasil atual. Por meio do trabalho de Lima e Mick, é possível compreender em que conjuntura os jornalistas brasileiros se encontram na carreira que decidiram seguir. Muitas das questões abordadas por Mick e Lima (2022) foram trazidas para a Iniciação Científica como forma de estudar as mesmas características dos jornalistas, porém com foco naqueles que se formaram na UFPR entre 2011 e 2020.

Para a segunda fase da pesquisa, está sendo utilizada a obra *Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*, de Bernadete Angelina Gatti (2005), que foi fundamental para a compreensão da função de um grupo focal e na orientação de como realizá-lo, com instruções específicas sobre funções necessárias, até mesmo mais abrangentes, auxiliando na criação de uma postura de pesquisador durante a aplicação da técnica de pesquisa. Nas palavras da autora:

A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, também permite a compreensão de ideias compartilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros (Gatti, 2005, p. 11).

PRINCIPAIS RESULTADOS

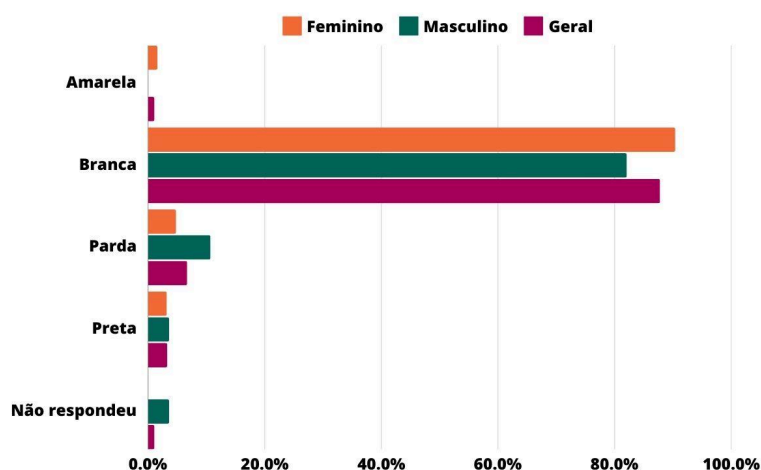
Como resultado do *survey* da primeira etapa, foram obtidas ao todo 90 respostas – resultando em 45% de retorno dos envios. Com isso, é possível observar o desenvolvimento da profissão jornalística na última década, assim como é possível documentar a atual situação dos jornalistas – considerando que as características dos egressos da UFPR também refletem o panorama atual do mercado profissional e são consequências das condições sociais do recorte temporal e espacial aplicado.

Segundo a pesquisa, o egresso médio do curso de jornalismo, com data de formação entre 2011 e 2020, é uma mulher branca, com idade entre 31 e 40 anos.

Interessante observar, no entanto, que as mulheres, que são maioria, representando 68,9% dos respondentes, estão mais concentradas na faixa etária de até 25 anos, ou seja, é notável um processo de feminilização da profissão jornalística neste contexto, uma vez que proporcionalmente o número de mulheres vem aumentando e superando o de homens.

Em respeito à raça dos egressos, a tendência pela equidade está mais distante, com pessoas “brancas” representando 87,8% dos egressos, em detrimento dos 3,3% de “pretos(as)” e “6,7% pardos(as)”. Além disso, todas as representações de “amarelos(as)” e “pretos(as)” tiveram a entrada no curso ocorrido pela primeira vez em 2015.

Gráfico 1 – Demografia: cor



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A pesquisa também agrupa informações sobre as experiências formativas do egresso dentro da universidade durante o período de graduação, através da indicação de participação em atividades, como por exemplo, pesquisas de iniciação científica (IC), estágios profissionais, extensão universitária etc. Em relação à prática e teoria jornalística neste aspecto, se observa o predomínio de atividades que demandam atuação prática da profissão, em detrimento das que determinam aspectos e análises teóricas do campo de conhecimento. Essa tendência é observada, por exemplo, nas proporções de egressos que participaram de projetos de iniciação científica, 21,2%, para aqueles que realizaram atividades no campo da extensão universitária, onde a realidade

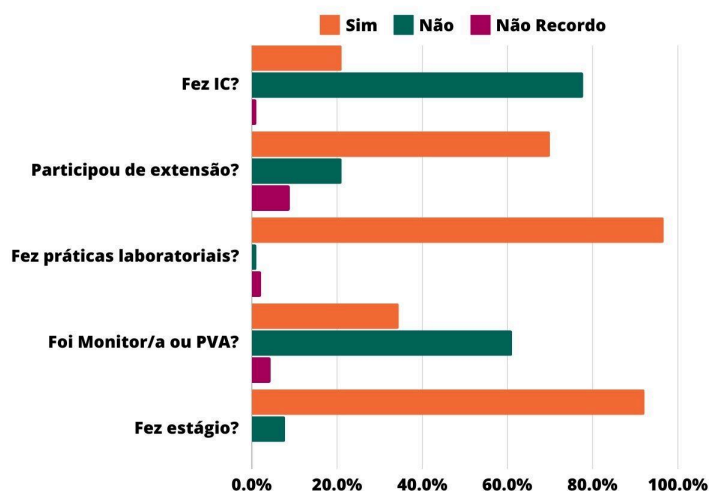
se investe, ficando 70% dos respondentes atuantes. Além da preferência por parte dos graduandos, a disparidade também pode ser explicada pela oferta de oportunidades em extensão serem mais abundantes, uma vez que os grupos costumam ser mais numerosos.

Dos respondentes, apenas 97% dos egressos responderam ter realizado "práticas laboratoriais", entretanto, deduz-se que os 3% restantes, que afirmaram não lembrar de participar dessa atividade, não associam suas experiências em disciplinas laboratoriais, parte obrigatória do currículo do curso, com práticas de laboratório.

A realização de atividades de monitoria ou de Projeto de Voluntariado Acadêmico (PVA), assim como a extensão e a iniciação científica, não eram, e ainda não são, obrigatórias para a graduação, sendo uma escolha do estudante, que se beneficia, para além da experiência, com certificado de horas complementares. Nesse contexto, os estudantes tendem a optar mais pela prática extensionista. Hoje, a extensão tornou-se um pré-requisito para a formação do graduando, mas no período pesquisado isso não era o caso.

Da mesma forma, no período observado, a realização de estágio em jornalismo não era obrigatória para a formação na área, entretanto, 92% dos respondentes participaram dessa prática. Isso leva a duas inferências: a vontade dos estudantes de atuar como jornalistas e/ou a necessidade de complementar a renda com a bolsa estágio.

Gráfico 2 – Atividades ao longo do curso



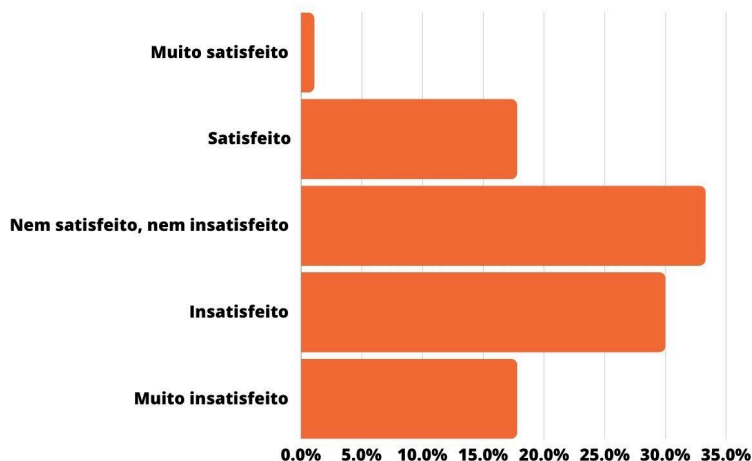
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A pesquisa também buscou uma avaliação por parte dos respondentes das atividades das quais participaram. Para cada resposta positiva quanto a realização das atividades, os egressos eram questionados quanto à importância de cada aspecto para a sua formação profissional e pessoal. Este aspecto retorna a apresentar a tendência vista anteriormente da afinidade com atividades práticas ser mais comum entre os egressos, em detrimento daquelas com atribuições mais teóricas. Dos participantes de iniciação científica, 63% classificaram a realização como “indiferente” ou “nada importante” para a formação profissional. Enquanto entre os extensionistas, 73% respondeu que a participação em algum projeto/programa de extensão universitária gerou impacto em algum nível (muito importante ou importante) na profissionalização.

Uma das questões basilares propostas à análise pelo grupo de pesquisa é a relação dos egressos e sua formação com novas tecnologias no jornalismo. Através do resultado do formulário, a pesquisa busca compreender o nível de satisfação dos egressos do curso de jornalismo em relação à formação sobre produção de conteúdos digitais. O resultado geral aponta insatisfação, o que pode ser condicionado pelo período de recorte da pesquisa. Ao analisar os anos de 2011 a 2020, percebe-se uma grande evolução tecnológica, acompanhada do crescimento dos veículos digitais no país, especialmente nos últimos anos desse período até os dias atuais. Devido a isso, o curso precisou se adaptar, e apenas em anos mais recentes apresentou uma melhora na avaliação, conforme os seguintes percentuais crescentes: 2,9% de aprovação entre os egressos de 2011 a 2015; 11,5%, entre os de 2016 a 2018; e 15,4% entre os de 2019 e 2020.

Mesmo a avaliação apresentando evolução, a taxa de aprovação aponta para um desfalque no ensino tecnológico na graduação em Jornalismo pela UFPR. Dessa forma, a pesquisa apresenta a necessidade de adaptação e aprimoramento do ensino de produção de conteúdos digitais. Além da consideração da questão em possíveis mudanças no currículo do curso, a melhoria necessita da companhia de investimentos na educação pública do ensino superior em termos de aquisição de equipamentos e atualizações de softwares, para ser integrada de forma satisfatória. A situação de despreparo levou 60% dos egressos respondentes da pesquisa para cursos de aperfeiçoamento externos à universidade na área do jornalismo digital.

Gráfico 3 – Formação digital e inovação: nível de satisfação



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Como parte dos dados finais coletados, a pesquisa buscou compreender os sentimentos de satisfação profissional e de segurança em relação ao futuro na área do jornalismo. No quesito satisfação, os resultados indicam que 49,4% dos respondentes afirmam estar muito satisfeitos ou satisfeitos, enquanto 24,7% se consideram insatisfeitos em algum nível, e 25,9% permanecem neutros. Dessa forma, pode-se inferir que metade dos respondentes não se sentem realizados com a profissão, uma estatística que pode ser resultado das questões de precarização destacadas anteriormente. Em contrapartida, a outra metade está satisfeita ou muito satisfeita com sua atuação profissional. Além disso, 34,9% dos respondentes se sentem seguros ou plenamente seguros quanto à continuidade na área, e 22% estão parcialmente seguros. Este dado sugere que uma parcela daqueles satisfeitos com a profissão pode ainda ter receios quanto ao futuro como jornalistas. Adicionalmente, 43,1% dos respondentes se sentem inseguros ou não sabem opinar sobre o futuro na profissão.

Além das questões quantitativas, o formulário contou com questões abertas, convidando o respondente a apresentar sua opinião sobre os aspectos abordados durante a pesquisa. Um dos atributos mais citados como positivos pelos egressos foi o caráter multidisciplinar da graduação em Jornalismo. As declarações apontam uma formação que possibilitou adquirir os conhecimentos necessários para atuação em áreas diversas.

Entretanto, a própria necessidade de atuar em áreas diversas da Comunicação foi por vezes apontada como uma decepção. Em resposta ao questionamento sobre "o contexto atual da profissão de jornalista, assessoria de imprensa/comunicação ou docência", 55 relatos foram coletados, sendo a maior parte carregando uma visão depreciativa, e em casos extremos, alguns demonstram ressentimento em relação ao tempo investido na graduação. Em geral, as respostas evidenciam uma crise em curso no mercado jornalístico, relatando mudanças nas áreas de atuação, precarização do trabalho, baixos salários e um mercado de difícil acesso.

Muitos dos dados já recolhidos estão sendo complementados na segunda fase da pesquisa com a aplicação de grupos focais, que visam a obtenção de informações qualitativas sobre a realidade profissional dos egressos e suas visões sobre a graduação na Universidade Federal do Paraná.

Com esses dados, além de analisar a experiência acadêmica dos egressos de Jornalismo da UFPR com o objetivo de melhorar a formação e possivelmente aumentar a permanência dos alunos no curso, a importância da pesquisa também se destaca pela capacidade de identificar as dinâmicas de trabalho dos ex-alunos. A meta para a continuação dos próximos e atuais passos da pesquisa é que possamos sugerir e implementar mudanças concretas, não apenas na estrutura e execução do currículo e ensino de jornalismo na UFPR, mas também compreender as principais questões que incidem sobre o trabalho exercido pelos egressos.

Referências bibliográficas

ADGHIRNI, Zélia Leal. O Jornalista: do mito ao mercado. **Sociologia do Jornalismo**, [S.I.], v. 2, n. 1, p. 45-57, 01 jan. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2088>. Acesso em: 24 abr. 2024.

BERTOLINI, J. **Jornalista multimídia e multitarefa**: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [S. l.], v. 16, n. 31, 2017. DOI: 10.5902/2175497716897. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/16897>. Acesso em: 24 abr. 2024.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

LIMA, S. P.; MICK, J. et al. **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. 220 p.

PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. **O Jornalismo em tempo de mudanças estruturais**. Intexto, Porto Alegre, n. 24, p. 38–57, 2011. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/19208>. Acesso em: 24 abr. 2024.